

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

GRAÇA EM PAULO Grace in Paul

Ma. Vera R. B. Schmegel da Costa¹

RESUMO

O ensaio, através do método de pesquisa bibliográfica, dedica-se ao assunto graça em Paulo, considerado o apóstolo da graça. Em Paulo, a graça que se apresenta salvadora é também a graça capacitadora para uma vida em conformidade com o padrão de Deus. Parte-se de uma visão panorâmica de graça em Paulo para o aspecto ético da graça, expressa na identificação com Cristo, a personificação da graça, graça que se traduz em serviço e graça que deve ser fomentada através da pregação. Por que debruçar-se sobre a graça em Paulo? Por causa das implicações da compreensão ou não da mesma. Na trajetória da história cristã, o conceito de graça por vezes apresentou-se comprometido e limitado, divorciado da verdade bíblica, ausentando-se até mesmo do vocabulário de alguns estudiosos. Transitando ora na obscuridade, ora na superficialidade, sobretudo em tempos em que a ênfase é posta na bondade do ser humano, o senso de necessidade da mesma é minimizado. O estudo do tema, ao passo que desconstrói uma mentalidade alicerçada em algum mérito, constrói outra realidade: a realidade de uma ética graciosa. Uma ética que responde e corresponde à graça de Deus, se traduzindo em uma vivência de transformação, identificação com Cristo e serviço. Existe uma responsabilidade ética no que se refere a graça. Existe uma consciência de graça a ser fomentada e nesse sentido, Paulo ensina e inspira.

Palavras-chave: Paulo. Graça. Jesus. Ética.

ABSTRACT

The article, through the bibliographical research method, is dedicated to the subject grace in Paul, who is considered the apostle of grace. In Paul, the grace that saves is also the

¹ A autora é bacharela em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e mestra em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: veraschmegel@gmail.com

enabler of a life according to God's standard. It starts with an overview of grace in Paul to the ethical aspect of grace, expressed in identification with Christ, the personification of grace, grace that is translated into service and which must be fomented through preaching. Why study about grace in Paul? Because of the implications of the comprehension of it. In the Christian trajectory, the concept of grace was sometimes compromised and limited, separated from the biblical truth, being missed even in the vocabulary of some scholars. Moving from the dimmer, sometimes in the superficiality, mainly in times when the emphasis is in the goodness of the human being, the sense of the necessity of the grade is diminished. The study of the topic, while it disrupts a mentality rooted in some merit, it also builds another reality: the reality of an ethic based on grace. An ethic that responds and corresponds to the grace of God, being translated in an experience of transformation, identification with Christ and service. There is an ethical responsibility in what refers to grace. There is a conscience of grace to be fomented and in this sense, Paul teaches and inspires.

Keywords: Paul. Grace. Jesus. Ethics.

INTRODUÇÃO E DEFINIÇÕES GERAIS

O vocábulo *χάρις* (*charis*), a partir dos apóstolos, carrega o sentido de graça de Deus. No entanto, o termo foi ressignificado em uma apropriação do seu cenário primeiro, o mundo grego. Goppelt afirma esse cunho religioso da expressão, com a ressalva de que esse se deu a partir de Paulo. *Charis* referia-se basicamente a “aquilo que faz feliz” e era atribuído ao ato de benevolência de um regente.² Meier, em sua obra *Política e graça*, assume que não pode chegar a uma definição de graça e dedica-se a reconstituir, aproximadamente, o quadro da graça daquela época. Provavelmente *charis* encontrava-se presente no conceito de beleza no contexto helênico³ e afirma-se que “Graça é uma beleza que não é dada pela natureza, mas desenvolvida pelos sujeitos.”⁴

Charis expressa-se em movimentos graciosos e parece estar ligada à identidade como sociedade. Encontra-se refletida também nas concepções de seus deuses, dotados de beleza humana e sobrenatural e também de alegria. Em suas muitas conotações, “ela abrange tanto o âmbito todo da generosidade, da convergência e da reciprocidade, quanto o modo cordial, educado e gracioso com o qual o doador e beneficiário se devem comportar.”⁵

Em Homero, poeta épico da Grécia Antiga (Odis. 7.175), também se constata o uso de *charis* em referência a personalidade atrativa. O texto de Colossenses 4.6 traz esse sentido: “A vossa palavra seja sempre amável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.”⁶ A comunicação graciosa tem potencial de atrair pessoas para um relacionamento com Cristo.⁷ Conclui-se que a compreensão de *charis*, no mundo grego, dá-se

² GOPPELT, Leonard. Graça. In: HENRY, Carl (org.). **Dicionário de ética cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 323.

³ MEIER, Christian. **Política e graça**. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 1997, p. 26-28.

⁴ SCHILLER *apud* MEIER, 1997, p. 28.

⁵ MEIER, 1997, p. 28-32.

⁶ A versão da Bíblia adotada na pesquisa é a Almeida Século 21.

⁷ BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 960.

no âmbito estético acima do religioso e, em Paulo, o termo é introduzido para o campo da teologia.

1. VISÃO PANORÂMICA DE GRAÇA EM PAULO

Através de Paulo, a graça tornou-se um dos termos basilares da teologia cristã; vindo a ser assimilado por todos os autores posteriores a ele no Novo Testamento.⁸ *Charis* aparece 155 vezes no Novo Testamento (expressão abreviada por NT, na sequência do texto), sendo largamente usado por Paulo (100 vezes). Antes, porém, se fará menção breve dos usos por outros autores bíblicos. Nas Epístolas Gerais ocorre com mais frequência: em 1Pedro (10 vezes) e em Hebreus (8 vezes). Já em Atos aparece (17 vezes), Lucas (8 vezes) e João (4), ausentando-se de Mateus e Marcos.⁹

Nos escritos de Paulo, *charis* é a essência da salvação de Deus em Jesus Cristo, bem como de todas as suas conseqüências no presente e no futuro (Rm 3.24ss). Desta forma, a graça se faz presente nas saudações das epístolas de Paulo não apenas como “expressão de um desejo de bem estar espiritual”.¹⁰ Muito além da expressão cortês que designa um desejo acerca da salvação, é qualificada como sendo a graça do Senhor Jesus Cristo (2Co 13.13).¹¹ O apóstolo está convicto de que a salvação se dá pela graça de Deus (Rm 3.24; 5.15; cf. Ef 2.5,7; Tt 2.11), sendo razão de louvor (Ef 1.6) e um dom comunicável (1Co 1.4; 3.10; 15.10; 2Tm 1.9).¹²

O apóstolo Paulo estende a realidade e poder da graça confrontando as ideias rabínicas acerca da justificação através das obras e do sinergismo, apresentando duas linhas antitéticas e excludentes: graça e lei (cada qual com suas palavras correlatas). A realidade da graça em Cristo implica a impossibilidade de apropriação da graça como direito conquistado, nem tampouco pode ser deixada a sua livre disposição. A graça encontra centralidade na argumentação de Paulo e, frequentemente, encontra definição em contrastes.¹³ O ser humano é redimido pela fé somente (Rm 3.24,28), não auxiliado por obras.

A essência da doutrina da graça é que Deus é por nós, embora nós mesmos sejamos contra ele. Mais ainda, ele não é por nós meramente como uma atitude geral, mas tem agido eficazmente em nosso favor. A graça é sumariada no nome de Jesus Cristo... Jesus Cristo é Deus por nós... Tudo isso é verdade porque Cristo veio, morreu e ressuscitou e “a graça veio por meio de Cristo Jesus (Jo 1.17). A encarnação do Filho de Deus, o seu sofrimento obediente, a sua morte como sacrifício e a sua ressurreição triunfal, não nos mostram apenas que Deus é gracioso, mas o próprio ato gracioso de Deus, porquanto ele se volta para nós e efetua esse relacionamento... outrossim, é da essência da graça que ela é livre... E visto que a graça é a decisão livre de

⁸ GOPPELT In: HENRY, 2007, p. 323.

⁹ ESSER, HANS H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 911.

¹⁰ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹¹ ESSER, 2000, p. 911.

¹² GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 390.

¹³ ESSER, 2000, p. 911-912.

Deus a nosso respeito, em Cristo, que procede da sua graciosidade, segue-se que não temos a habilidade de conquistar sua graça e favor. É por essa razão que a graça se opõe às obras da lei, tacitamente por todo o N.T., e de modo expresso, em passagens como Rm 3.19 e ss; Jo 1.16; Gl 2.11-21 e Ef 2.8.¹⁴

A mentalidade de salvação alicerçada em obras não cabe diante da realidade da graça e verdade em Jesus (Jo 1.14; 2Co 1.12; Gl 1.6; 2 Tm 2.1; Tt 2.11; Hb 12.15). Esse contraste evidencia a graça como benefício, um dom da parte de Deus, mesmo que não merecido. Nesse sentido, destaca-se ainda a possibilidade de raiz em comum entre *Charis* e *Chario*, palavra para “regozijo-me”, o que de fato faz sentido, por ser a graça, em suas variadas formas de atuação, motivo de grande alegria.¹⁵

Deve-se frisar, no entanto, que, embora o NT apresente essa contraposição, não significa que obras sejam abolidas do vocabulário bíblico. Embora não sejam causa meritória da salvação, as obras têm o seu papel. Bentley coloca a graça e obras como sinônimas, na perspectiva de que, a partir da salvação, são resultantes da ação do Espírito Santo, “exteriorizações da graça divina”. O progresso na vida cristã, chamado, arrependimento e a própria fé se devem à graça (Gl 1.15; II Tm 3.15; Ef 2.8), que não faz concessões no que se refere ao imperativo da santificação (Rm 1.5; 6.17), não se dando essa por via de lei, e sim da graça, que a transcende em poder.¹⁶

Partindo do pressuposto básico do perdão e absolvição jurídica (Rm 8.31-32) provenientes da graça, Paulo enxerga toda a dinâmica da vida cristã residente na graça (2 Co 6.1-9; Rm 5.2), ancorada no propósito de Deus (Rm 8.28), agindo na fragilidade humana (2 Co 12.9); sendo ela a razão de ser do novo indivíduo (1 Co 15.10).¹⁷ *Charis* indica a inteireza da fé cristã, fé essa que “contém e dispensa a graça de Deus”.¹⁸ Esse favor de Deus manifestado à humanidade - e de maneira especial aos seus filhos - é tido como marca distintiva das epístolas de Paulo das demais cartas correntes na época. A graça é tida como “fonte propulsora da fé e da vida cristã”,¹⁹ que assim seja!

Interessante em Paulo é que a graça aparece por vezes quase de forma palpável, como na referência à generosidade dos macedônios em sua contribuição, sinal da graça de Deus (2Co 8.1; 2Co 8.7, “graça” essa que deveria inspirar os coríntios). O apóstolo enxerga seu chamado como obra dessa graça (Gl 1.15). A graça concede a Paulo a certeza da atuação de Deus em seu apostolado (1Co 15.10,11), sendo difícil diferenciá-la do “poder” do qual é dependente em meio às fraquezas (2Co 12.9-10; 13.4).²⁰ Paulo parece ter clareza da graça, e seu poder inerente, que se movia nos bastidores de sua vida.

A fim de ilustrar a dependência da graça, Esser introduz a imagem de um prisioneiro liberto que depende das conexões, ajudas no processo de acompanhamento posterior que

¹⁴ BENTLEY, 2008, p. 955.

¹⁵ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹⁶ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹⁷ ESSER, 2000, p. 913.

¹⁸ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹⁹ LINDEN, G. L. Graça In: BORTOLLETO Filho, F. (edit). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008, p. 462.

²⁰ GUTHRIE, 2012, p. 390.

Ihe possibilitam vida na liberdade. Realidade vivenciada em sua missão particular (Rm 1.5; 12.3; 15.5; 1 Co 3.10; Gl 2.9; Fp 1.7), tanto quanto na vida cristã em geral (Rm 12.3, 6; 1 Co 1.4; 2 Co 4.15; 6.1; 8.1; 9.8, 14; Fp 1.7).²¹ A graça que torna possível a caminhada é a mesma que se faz companheira a cada passo.

Ainda tratando da significação da graça, Berkhof afirma o papel do Espírito Santo. A graça, por vezes apresentada como inerente, é a “comunicação ativa das bênçãos divinas pela ação interior do Espírito Santo, provenientes daquele que é cheio de graça e de verdade” e acrescenta que, nesse sentido de qualidade ativa, não há muita distinção entre as expressões “cheio do Espírito Santo” e “cheio de graça e poder” (At 6.5,8), sendo até mesmo o Espírito Santo chamado “Espírito da graça” (Hb10.29)²² ou Espírito que traz graça.

2. GRAÇA NO PONTO DE VISTA ÉTICO

Goppelt sustenta que a compreensão da graça é determinante para a concepção de relacionamento entre Deus e o ser humano, e mais especificamente, de como este pode viver em conformidade com a vontade de Deus, ou seja, sua concepção de ética cristã. Acresce-se que a definição de graça, e como ela se expressa, constitui-se, ao longo dos séculos, o tema central da teologia.²³

Alguém pode perguntar o porquê do espaço dado ao assunto, o que pode denunciar uma “... tendência de se explicar a graça de Deus como sendo, simplesmente, um princípio de amor que deveria ter um desejado efeito psicológico de edificar uma comunidade amorosa”²⁴, ou seja, uma ideia “romantizada” e de caráter não muito prático.

Tendo se entendido a centralidade da graça de Deus no Novo Testamento, uma questão que poderia ser posta é como conciliar essa realidade com a existência considerável de imperativos éticos. Isso não ressaltaria, mesmo que indiretamente, a responsabilidade de obediência às ordens de Deus e, portanto, o aspecto do merecimento por parte daquele que se enquadra com o padrão ético apresentado?, pergunta Linden. Ao que ele, logo na sequência, responde:

O fato é que estes imperativos jamais são apresentados como requisitos para a entrada no reino. São, antes, normas para aqueles que já estão no reino, tendo recebido o chamado do Senhor, um chamado que é feito por graça (Jo 1.17; At 18.27; Rm 11.5; Gl 1.15; Gl 1.15; 2 Tm 1.9, etc.). Assim sendo, a ética do Novo Testamento é, por assim dizer, uma ética da graça. Nenhum dos imperativos éticos sugere que a pessoa tenha capacidade em si mesma, ou mérito próprio. Também aí a graça de Deus se manifesta, capacitando a pessoa para realizar aquilo que é da vontade de Deus para a sua vida (1 Co 15.10; 2 Co 4.15; 8.4; Ef 3.8; etc).²⁵

²¹ ESSER, 2000, p. 913.

²² BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o caminho, 1990, p. 422-423.

²³ GOPPELT, 2007, p. 323.

²⁴ GOPPELT, 2007, p. 323.

²⁵ LINDEN, 2008, p. 463.

Bridges afirma que o emprego de graça Novo Testamento expressa dois sentidos que se relacionam e se complementam. Primeiro, é o favor imerecido de Deus estendido por meio de Cristo, através do qual a salvação e as demais bênçãos são dadas livremente. Segundo, é o auxílio de Deus que nos é dado através do Espírito Santo. É claro que o segundo significado está incluso no primeiro, porque a ajuda do Espírito Santo se inclui nas “outras bênçãos” dadas em Cristo, esclarece. Destacam-se esses dois aspectos da graça “porque o primeiro enfoca a graça de Deus como fonte de todas as bênçãos, enquanto o segundo aspecto enfoca a graça de Deus expressa especificamente com a obra do Espírito Santo em nós”.²⁶

Bruce também atenta para a realidade da graça manifesta não apenas na aceitação dos pecadores por Deus, mas também na transformação dos que assim são aceitos, a fim de que sejam semelhantes a Cristo. O autor cita as palavras de Thomas Erskine:

[...] “no Novo Testamento, religião é graça, e ética é gratidão.” Se esta palavra fosse traduzida para o grego, uma palavra, *charis*, serve de equivalente tanto para graça quanto para gratidão, isto porque a gratidão que a graça divina gera em seu destinatário, também é expressão desta graça concedida e mantida pelo Espírito Santo, por meio do qual o amor de Deus é derramado no coração dos crentes.²⁷

Essa é a proposta cristã que Paulo ensina, e ele não se engana, sustenta Rega, ao tratar do capítulo 12 de Romanos. Apresentar-se no altar (Rm 12.1) é apenas o primeiro passo. Dada a natureza humana corrompida (Rm 7), bem como a realidade do mundo que segue os seus próprios cursos, faz-se imprescindível uma transformação radical de vida (Rm 12.2). Contudo, essa transformação não deriva de esforço próprio. Somente a graça restauradora de Cristo capacita o ser humano à possibilidade de corresponder aos padrões elevados de justiça (v. Rm 6; 2Co 12.7-10). Acresce-se que, por essa razão, o fruto do Espírito (Gl 5.22,23), por exemplo, é do Espírito, e não do ser humano. “Assim, vemos que não se pode falar da ética paulina sem pensar na graça capacitadora de Cristo e na ação mobilizadora do Espírito”.²⁸

Tudo isso mostra que a ética paulina, muito longe de ser uma ética decisionista, isto é, que enfoca apenas as decisões, é uma ética de transformação de vida e caráter. Essa preocupação de Paulo assemelha-se muito à preocupação de Jesus, que evidenciou uma ética essencialista e de princípios (Mt 5.21ss), ou seja, uma ética como “resposta livre à graça de Deus, que opera na vida do crente em Cristo e pelo Espírito”.²⁹

²⁶ BRIDGES, Jerry. **Graça que transforma**. Tradução de Elizabeth Stowell Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 136.

²⁷ BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003, p. 14.

²⁸ REGA, Lourenço Stelio. **Paulo e sua teologia** (org.). 2.ed. São Paulo: Vida, 2009, p. 63.

²⁹ REGA, 2009, p. 64.

3. EXPRESSÕES DA GRAÇA

3.1 A graça evidenciada na identificação com Cristo

Notório se faz o fato de que Jesus não usou a palavra graça, no entanto “no seu ensino e especialmente na ação desenvolvida entre as pessoas, Jesus mostrou concretamente a forma graciosa de Deus agir em favor daqueles que nada tinham a oferecer”,³⁰ sendo a própria personificação da *charis* de Deus. No “evento” Cristo foi abolido o “emaranhamento na anterior história da desgraça”.³¹ Nele, a graça é uma dádiva preciosa (1Co 1.4) e, sem ele, não faz sentido falar em graça (1Co 1.31).³²

A igreja constitui-se de pessoas alcançadas pela graça salvadora de Jesus, creu nele e se comprometeu com ele. Isso é a base. O resto é adereço. Em Paulo há o auxílio para o aprofundamento do conceito bíblico de igreja. Não são suficientes declarações elaboradas de propósitos, se o alicerce da fé não é Cristo. Rega atenta para um perigo a que a igreja contemporânea está exposta, o perigo de caracterizar mais um evento cultural que teológico. Mas o evento teológico deve triunfar sobre o sociológico, sempre, sustenta. A reflexão em Paulo é necessária e contemporânea.

Se, mais que uma instituição, igreja é gente, os relacionamentos devem valer mais que projetos institucionais. A prática dessa ideia renovaria nossas igrejas, dando-lhes uma dinâmica nova, tornando-as muito mais atraentes para o mundo, pois as pessoas procuram relacionamentos. A igreja se fundamenta no maior relacionamento já proposto: Deus deseja viver com o ser humano e lhe estende a mão na pessoa de Jesus. Vivendo com Deus, como igreja, os homens podem descobrir a proposta divina de relacionamento horizontal sadio, que é a vida em comunhão na ekklesia.³³

Diante da realidade desse tempo, onde existe uma busca frenética por novos métodos a fim de dar “um gás” à igreja, o autor sugere que necessitamos é de retornar ao pensamento de Paulo,³⁴ pensamento esse que remete a Cristo.

Michael Frost e Alan Hirsh, em sua recente obra “ReJesus”, propõem-se a explorar a conexão entre o caminho de Jesus e o cristianismo, na tentativa de acesso ao movimento através da revelação bíblica de Jesus e “propor formas pelas quais a igreja pode reconfigurar a si mesma e realmente calibrar sua missão em torno do exemplo e ensino do Rabino Radical de Nazaré.”³⁵ Suscitam-se as perguntas:

Onde está a continuidade? Por que o que experimentamos com o cristianismo está descontinuado com o caminho de Jesus? O quanto nosso testemunho é consistente com sua vida e seu ensino? Podemos nos afastar

³⁰ LINDEN, 2008, p. 461.

³¹ SCHNELLE, Udo. Paulo: **Vida e pensamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010, p. 621.

³² ESSER, 2000, p. 912.

³³ REGA, 2009, p. 22- 23.

³⁴ REGA, 2009, p. 22- 23.

³⁵ FROST, Michael; HIRSH, Alan. **ReJesus: um messias radical para uma igreja missional**. Tradução de Josiane Zanon Moreshi. Curitiba: Esperança, 2015, p. 21.

de seu protótipo de espiritualidade sem causar danos irreparáveis à integridade da nossa fé? Como saberemos se fomos longe demais?³⁶

Em suma, o assunto é “Rejesusar”. Em Jesus, Deus modelou como o ser humano deveria ser, e isso carrega implicações a serem seriamente consideradas. “Isso estabelece reconhecer que Jesus, como nosso modelo, mestre e guia é normativo para a vida cristã”. Ele é padrão pelo qual se medem os seus seguidores e sua espiritualidade.³⁷

Destaca-se essa esfera da educação contemplada por Paulo, quando apresenta um evangelho em que a didática é conduzida pelo exemplo. Paulo chama a que o imitem, assim como ele imitava a Cristo (1Co 11.1). Para um mundo onde cada um se faz referência para si mesmo e busca sua própria exaltação, Paulo aponta a derrocada da natureza humana (Rm 7). “Jesus não é apenas o varão perfeito, nosso modelo, mas também agente da graça (2Co 12.9,10) que em que em nós opera concretizando a manifestação do fruto do Espírito (Gl 5.22,23)”.³⁸

A teologia de Paulo se pauta em uma vida orientada pela busca “das coisas que são do alto” (Cl 3.1), ou seja, uma vida cujos interesses concordam com o Reino de Deus, numa perspectiva de ética cristã,³⁹ a ética de Cristo. “O evangelho da justificação e da adoção gratuitas e cheias da graça não é apenas o caminho para o reino; também é o caminho para crescermos em conformidade com a imagem de Cristo”.⁴⁰

Os cristãos são enviados ao mundo para que se identifiquem com os outros, assim como Cristo se identificou com a humanidade. Stott aponta essa como uma das principais falhas das igrejas evangélicas. “Raramente parecemos levar a sério esse princípio da encarnação”.⁴¹

Da mesma forma, a igreja existe para nada mais do que atrair os homens a Cristo, torná-los pequenos Cristos. Se não estamos fazendo isso, todas as catedrais, o clero, as missões, os sermões, e até a própria Bíblia são uma perda de tempo. Deus se fez homem com nenhum outro propósito. É até discutível se todo o universo foi criado para algum propósito. A Bíblia diz que o universo inteiro foi criado para Cristo e tudo deve ser reunido em torno dele.⁴²

Se existe a falha, essa não se dá pela falta de recursos disponibilizados. Todos os cristãos de todos os tempos e lugares podem desfrutar da plenitude de Cristo, graça sobre graça (cf. Jo 1.16). Para Boor, essa sucinta afirmação expressa a verdadeira essência da vida cristã:

Viver como cristão jamais significa ter algo em si próprio, mas retirar e receber incessantemente de uma plenitude inesgotável. Em todas as visões de mundo e religiões, a questão gira em torno de nossas realizações e nossos méritos. No evangelho tão somente podemos enaltecer com gratidão o que

³⁶ FROST; HIRSH, 2015, p. 21.

³⁷ FROST; HIRSH, 2015, p. 31.

³⁸ REGA, 2009, p.13.

³⁹ REGA, 2009, p 12.

⁴⁰ KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 363.

⁴¹ STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 28.

⁴² LEWIS, C. S. *apud* FROST; HIRSH, 2015, p. 35.

temos recebido. E o que obtivemos nele é graça sobre graça. Enquanto no início da vida cristã nos deparamos, assombrados, com a graça, que nos trouxe de maneira redentora das trevas para a sua maravilhosa luz, da morte para a vida, no decorrer de nossa vida essa graça do início é inundada por graças sempre novas, assim como de uma fonte cheia jorra água sobre água.⁴³

Em Cristo, expressão caracteristicamente paulina (em torno de 104 ocorrências), há graça capacitadora para a vivência cristã.

3.2 Graça que se traduz em serviço

A graça não se restringe ao decreto benevolente de um governante, nem tampouco se limita à oferta de algo. A graça também é um poder que induz aquele que a recebeu ao serviço, enquanto o liberta do domínio do mal (Rm 5.20), a amar ao próximo (Rm 12.9-21) e agir como cristão dentro da sociedade (Rm 13.1-7; cf. Cl 3.18-4.1) e todas as virtudes repousam sobre a graça de Deus.⁴⁴

A graça impulsiona o serviço e capacita para tanto. Paulo chama de *charisma*, um revestimento especial com graça. Trata-se da única graça, em sua expressão multiforme. O significado de *charisma* foi desenvolvido para a vida da comunidade (Rm 12 e 1 Co 12), com alguns aspectos voltados para dentro e outros para fora.⁴⁵

Stott, acerca desse assunto, propõe uma importante distinção. A “graça salvadora” é concedida a todos quantos creem, enquanto a que poderia ser chamada de “a graça para o serviço”, é dada em distintos níveis, segundo a medida do dom de Cristo (Ef 4.7).⁴⁶ Se a existência da igreja se dá pela graça (*charis*), sua edificação se dá por meio dos dons da graça (*charismata*), conferidos pelo Espírito Santo.⁴⁷ Reforça-se que, dada sua gratuidade, essa capacitação não pode ser galgada por quaisquer esforços humanos.

A graça remete ao ministério, o exercício do serviço a Deus. A Bíblia apresenta ministérios particulares, como o de Paulo (Rm 12.3; 1 Co 3.10; Gl 2.9; Ef. 3.2), bem como diversos ministérios incumbidos aos crentes (Rm 12.6; Fp 1.7), e esse serviço, concedido aos indignos, é dom de Deus (Lc 5.8 ss). Reconhece-se que toda a atividade que se dá é ação da graça, e nesse sentido, “o homem não é ativo ao lado da graça, mas a graça é ativa nele e por ele (1 Co 15.10; 2 Tm 2.1; At 18.27)”.⁴⁸

Consciente de que seja o homem indigno, condenável e sem mérito algum, Deus concedeu em sua graça, em virtude de Cristo e em Cristo, riquíssima justiça e salvação, de maneira que agora é necessário crer. Resoluto, Lutero afirma sua disposição:

⁴³ BOOR, Werner de. **Evangelho de João**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2002, p. 48.

⁴⁴ GOPPELT, 2007, p. 323.

⁴⁵ ESSER, 2000, p. 912.

⁴⁶ STOTT, John. **A mensagem de Efésios**. A nova sociedade de Deus. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: ABU, 2001, p. 111.

⁴⁷ SNYDER, Howard A. In: BRADFORD, Kevin; WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (edit.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**: perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁴⁸ BRAUDAZ, F. Graça. In: ALLMEN, Jean Jacques V. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001, p. 215.

Mas, por minha parte, farei também por tal pai, que me cumulou de benefícios tão valiosos, tudo quanto possa agradá-lo. Fá-lo-ei livre, alegre e gratuitamente. Serei para com o meu próximo um cristão, à maneira como Cristo foi comigo, [...]. Porque assim como o meu próximo padece necessidade e há falta daquilo que para nós sobra, assim também nós padecíamos grande necessidade e fomos socorridos pela graça divina em Jesus Cristo. Por conseguinte, socorreu-nos gratuitamente por Cristo. Auxiliemos nós também ao próximo com todas as obras de nosso corpo. Claramente se vê quão nobre e elevada é a vida cristã, ainda que hoje desgraçadamente em todo o mundo é desdenhada e, mais, esquecida e não se prega sobre ela.⁴⁹

Não se pode escapar da responsabilidade ética, justificando que, “embora a prática seja ruim, a beleza, a pureza e a verdade da Bíblia não são prejudicadas”.⁵⁰ “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi em vão; antes, trabalhei mais do que todos eles [os outros apóstolos]; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10). A realidade do ser de Paulo se explica pela graça de Deus e nela reside sua disposição para o seu serviço.

3.3 A Pregação da graça

Imprescindível a fim de fomentar uma vivência da graça é que se pregue sobre a graça, afirma Timothy Keller. Tanto crentes quanto não crentes devem estar expostos à mensagem de que a salvação e adoração se dão apenas pela graça. Se não existe convicção quanto à eficácia da pregação orientada pela graça, e até mesmo desconfiança de que os ouvintes ficarão entediados, isso revela falta de compreensão do evangelho.⁵¹

Portanto, existe uma mensagem básica que tanto cristãos quanto não cristãos precisam ouvir repetidamente: o evangelho da graça. Ela pode ser aplicada a ambos os grupos de modo direto e eficaz. Sermões moralistas aplicam-se somente a um dos dois grupos: ou a cristãos, ou a não cristãos. É verdade: se o culto de domingo e a mensagem estão focados primeiro no evangelismo, os crentes acabarão ficando entediados. E, se em nossa pregação focamos sempre e primeiramente a instrução, os não cristãos ficaram entediados e confusos. Mas, quando o culto e a mensagem estão focados no louvor a Deus que salva pela graça, desafiaremos e instruiremos tanto crentes quanto não crentes.⁵²

Paulo, de perseguidor a construtor do que antes estava determinado a destruir, e o seu típico rigor transformou-se em versatilidade e adaptabilidade. Com o propósito de fazer conhecido o Senhor que ele agora conhecia, “tudo foi subordinado à propagação das boas novas dessa graça, e a essa causa todos os seus talentos e energias foram dedicados”.⁵³ Paulo,

⁴⁹ LUTERO, Martinho. **Da liberdade cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 46-47.

⁵⁰ FROST; HIRSH, 2015, p. 77.

⁵¹ KELLER, 2014, p. 363.

⁵² KELLER, 2014, p. 364.

⁵³ BRUCE, 2003, p. 445.

considerado o apóstolo da graça, manteve-se entregue, sem agregar à sua vida valor demasiado, a fim de testemunhar do evangelho da graça de Deus (cf. At 20.24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mesmo tempo em que a interpretação integral que Paulo tem do evangelho é que a salvação é totalmente uma obra da graça de Deus, recebida só por intermédio da fé em Cristo, não obtida por meio de nossas obras; ele está igualmente convicto de que a principal razão da graça operar em nós é produzir o fruto de vidas transformadas, no lado desfavorável, de renunciar ao mal e, no lado favorável, de fazer o bem de forma incansável (Ef 2.8-10). Paulo vê a transformação ética que o evangelho realiza como obra da graça de Deus – graça que está operando desde a primeira vinda de Cristo, e graça que nos molda para viver com ética, à luz escatológica da sua segunda vinda (Tt 2.11-14).⁵⁴

Em Cristo se fazem acessíveis todos os recursos da graça:

O que os seguidores de Cristo tiram do oceano da plenitude divina é graça – cada onda é constantemente substituída por outra. Não há limites no suprimento de graça que Deus pôs à disposição do seu povo em Cristo; assim como Paulo, o evangelista também experimentou que é verdade o que Deus disse: “A minha graça te basta” (2 Co 12.9).⁵⁵

Todos quantos são beneficiados com a graça são responsabilizados a um estilo de vida na qual ela seja evidenciada, como recipientes, que não a retêm, mas dela transbordam. Por fim, faz-se empréstimo da sugestão de Stott:

Certamente podemos orar por nós mesmos, para que tenhamos a benção e a misericórdia de Deus, e a luz de seu rosto – não para que possamos monopolizar sua graça e nos aquecer sob os raios de seu favor, mas para que outros vejam a benção e a beleza dele em nós, e sejam atraídos para ele por nosso intermédio.⁵⁶

REFERÊNCIAS

ALLMEN, Jean Jacques V. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o caminho, 1990.

BOOR, Werner de. **Evangelho de João: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2002.

⁵⁴ WRIGTH, Christopher. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 233.

⁵⁵ BRUCE, F. F. **João: Introdução e Comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 48.

⁵⁶ STOTT *Apud* WRIGTH, 2012, p. 128.

BRADFORD, Kevin; WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (edit.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**: perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BRIDGES, Jerry. **Graça que transforma**. Tradução de Elizabeth Stowell Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

BRUCE, F. F. **João**: Introdução e Comentário. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1990.

_____. **Paulo**: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003.

ESSER, HANS H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 907-911.

FROST, Michael; HIRSH, Alan. **ReJesus**: um messias radical para uma igreja missional. Tradução de Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2015.

GOPPELT, Leonard. Graça. In: HENRY, Carl (org.). **Dicionário de ética cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 376-393.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LINDEN, G. L. Graça In: BORTOLLETO Filho, F. (edit). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

LUTERO, Martinho. **Da liberdade cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

MEIER, Christian. **Política e graça**. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

REGA, Lourenço Stelio. **Paulo e sua teologia** (org.). 2.ed. São Paulo: Vida, 2009.

SCHNELLE, Udo. Paulo: **Vida e pensamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

STOTT, John. **A mensagem de Efésios**. A nova sociedade de Deus. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: ABU, 2001.

_____. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010.

WRIGHT, Christopher. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.